

# EDUCAÇÃO COMPARADA: ABORDAGEM HISTÓRICA, POSSIBILIDADES E LIMITES

Margareth Gomes Rosa Arantes  
Lara Cristina de Queluz

## RESUMO

A comparação sempre marcou a evolução do pensamento humano, compreender a dinâmica dos sistemas educacionais ou de aspectos a eles relacionados por via da comparação é o desafio e a uma necessidade nos tempos atuais. Reconhecer o saber com sentido da Educação Comparada é para os pesquisadores a esperança de um mundo melhor. A comparação fornece informações mais interessantes que as resultantes de uma leitura num só contexto, aspectos comuns e aspectos diferentes de uma situação problema são melhores estudados se temos duas ou mais visões. A Educação Comparada está fortemente ligada aos interesses das entidades políticas, logo se tem algumas críticas, estas surgem, pois dados quantitativos podem oferecer diferentes abordagens e serem utilizados sem uma devida reflexão dos pontos não esclarecidos na pesquisa.

**Palavras-chaves:** Educação comparada, História da Educação Comparada, Educação Comparada no Brasil

## INTRODUÇÃO

Em todo tempo, através das analogias, cada ser humano nasce e cresce e vai distinguindo uma coisa da outra e conhecendo a si mesmo e a distinção dos outros seres humanos.

Comparação parte da analogia que é o processo de perceber as diferenças e semelhanças na relação com o outro, pessoas e objeto. Comparação é uma constante na produção intelectual, não apenas nos trabalhos acadêmicos, mas também nos aprendizados da vida cotidiana, segundo CIAVATA (2009)

Distinguido fatos, observando as diferenças, e ainda realizando comparações como é citada neste texto:

É o próprio mundo que vem dissolvendo a tarefa do educador da mesma forma que também quase acabou com o jequitibá, com a braúna, a violeta, o jacarandá, o cedro, a peroba e já quase com a sucupira. O jequitibá, forte e eterno, simboliza o educador, tem o sentido de permanência, é para a vida inteira, utilidade em todos os sentidos; o eucalipto – descartável por natureza e quase fora da natureza – é o professor, que não mais acompanha o aluno, não mais dispõe de tempo, não mais vive o problema do aprendiz, não mais sente ou vive qualquer tarefa, um desesperado a correr de escola em escola,

de classe em classe para conseguir o pão de cada dia, ou uma renda menos decepcionante. Professor já não sabe o nome do aluno; aluno já não se interessa mais pelo professor, nem de onde vem, nem para onde vai. Materiais de consumo de expediente, uns e outros. Nada mais! (Arruda, 2008)

De acordo com FERREIRA (2008), a comparação sempre marcou a evolução do pensamento humano, sempre esteve presente na própria construção do saber. Compreender a dinâmica dos sistemas educacionais ou de aspectos a eles relacionados por via da comparação é o desafio e a uma necessidade nos tempos atuais. Reconhecer o saber com sentido da Educação Comparada é para os pesquisadores a esperança de um mundo melhor.

O princípio da comparação é a questão do outro, o reconhecimento do outro e de si mesmo através do outro. A comparação é um processo de perceber diferenças e as semelhanças e de assumir valores nesta relação de reconhecimento de si próprio e do outro. Trata-se de compreender o outro a partir dele próprio e, por exclusão, reconhecer-se na diferença. (Franco, 2000)

A educação comparada começou a ser reconhecida na área acadêmica no século XX. Segundo DOMINIQUE GRAUX (1997), a comparação em educação tem sentido e é importante, pois contribuí para as reformas educacionais argumentadas e sustentadas com reflexões de outras vivências, investigações do desenvolvimento teórico e prático de sistemas educacionais internacionais ajudando a esclarecer as semelhanças e diferenças dos problemas que ocorrem na educação. Sendo que a comparação realizada nunca é gratuita, é a influência política, que muitas vezes, assume a frente em relação à comparação científica desinteressada (NÓVOA, 1995).

A comparação fornece informações mais interessantes que as resultantes de uma leitura num só contexto, quando rigorosamente efetuada, a leitura dos aspectos comuns das diferenças relativas de um problema é melhor que termos uma só visão. A Educação Comparada é múltipla e complexa, envolve muitas áreas: história, sociologia, economia e outras, e também pode ser estudada por todos e torna a Educação Comparada mais capacitada a uma visão do geral.

Ao refletir sobre a verdade dos estudos comparados, sobre sua epistemologia, vemos que os estudos comparados se fazem compreensíveis e convincentes na medida em que a sociologia, a história, a antropologia, a política, a educação etc., para ficar só nas ciências humanas e/ou sociais, são remetidas à história de sua elaboração. Nelas estão presentes os sujeitos sociais que as produziram e as ideologias que permearam suas idéias sobre a verdade científica. ( Ciavatta, 2009)

Alguns exemplos onde são realizados estudos da Educação Comparada: A situação das mulheres no mundo da educação (UNESCO, 1995); O problema do financiamento com a educação (HALLS, 1990); A situação dos currículos escolares (FORQUIN, 1999; PUSCI, 1990); Os sistemas de formação profissional (ROTHE, 1995).

Por exemplo, faz parte dos instrumentos de reforma das universidades, em curso na América Latina, o uso de indicadores quantitativos de avaliação da produção científica, como o caso do número de vezes que um pesquisador vem citado pelos seus pares, o que é um mecanismo guiado por critérios positivistas. Os fatos são isolados de seu contexto, a exemplo da língua na qual os trabalhos são escritos e sua capacidade de difusão (o inglês, o alemão, o português), ou as próprias condições institucionais destes trabalhos (recursos, poder político etc.). São tomados como parâmetros os sistemas de produção dos países desenvolvidos e os índices são aplicados sem considerar as condições específicas da pesquisa em cada um dos países comparados. Este procedimento, ditado por determinada hegemonia cultural de nível internacional, produz análises parciais e inadequadas que simplificam os problemas e, de um modo geral, produzem a chamada "minoridade de excelência" que escreve na língua inglesa. ( Ciavatta, 2009)

A Educação Comparada está fortemente ligada aos interesses das entidades políticas, logo se tem algumas críticas, estas críticas surgem, pois dados quantitativos podem oferecer diferentes abordagens e serem utilizados sem uma devida reflexão dos pontos não esclarecidos na pesquisa. O objetivo é realizar um levantamento bibliográfico investigando a história, as possibilidades e limites da Educação Comparada.

## **RELEVÂNCIA HISTÓRICA**

A evolução da Educação Comparada caracteriza pela sua dimensão técnica ou à sua capacidade de produzir um saber sofisticado. FERREIRA (2008) apóia para caracterizar a evolução da Educação Comparada em Ferran Ferrer (1990) e A.D. Marquez (1972), com os períodos da **Criação; Descrição; Interpretação e Comparação Complexa.**

No período da Criação o seu aspecto não é sistematizado e pode-se citar a comparação o modo educativo Ateniense do Espartano e a Educação Grega da Egípcia e da Persa. Destaca-se Marc-Antoine Jullien, conhecido como pai da Educação

Comparada, nasceu em 1775 em Paris foi nomeado Comissário Adjunto da Comissão Executiva da Instrução Pública em 1794, refugiou-se em Milão, tornou-se Jornalista, casou-se em 1801, em 1808 interessa-se verdadeiramente pela educação e em 1817 utilizou o título Educação Comparada em uma de suas obras.

O livro de Jullien obteve aceitação entre os comparatistas, pois nele encontrava todo um conjunto de comparativo educacional e sugere a criação de uma comissão, que devia compilar e tratar as informações necessárias à obtenção de quadros comparativos, que permitissem ajuizar do estado da educação nas diferentes nações européias. Os questionários de Jullien tinham como objetivo as coleções de fatos e observações agrupadas em quadros analíticos que permitiam relacionar e comparar e depois deduzir princípios corretos. De acordo com Jullien, na educação comparada exigia trabalho de uma equipe internacional, situação esta demasiadamente ambiciosa para época, razão pela qual, não foram compreendidos. O seu livro permaneceu praticamente esquecido até depois da Segunda Guerra Mundial.

Neste período o objetivo era produzir ciência, conhecendo os sistemas educativos de outros países para fundamentar as reformas que pretendia fazer observando os países que demonstrassem maior desenvolvimento econômico.

No período da Descrição a abordagem era o conhecimento da organização do ensino nos países desenvolvidos e tinham nesta época interesses políticos imediatistas, desejavam para os seus países sistemas educativos que os colocassem entre as sociedades mais modernas, como exemplo ilustrativo deste século XIX, tem-se: Nos Estados Unidos com John Griscom (1818-1819), na França com Victor Cousin (1831), na Alemanha com Niemeyer (1824) F.W.Thiersch (1838) e na Inglaterra com Mathew Arnold(1861-1882) que destacou tradições históricas, as condições geográficas, o caráter e as diferenças nacionais e a configuração da sociedade, ressaltando o cuidado que deve se ter em olhar um fato separadamente sem observar o contexto em que este ocorre.

No período da Interpretação em 1900 foi marcado pela organização um Curso Universitário de Educação Comparada na Universidade de Columbia onde James E. Russel fez questão que trabalhassem as condições sócio-culturais nos sistemas educativos estudados. E também um marco foi a publicação do texto de Michael Sadler que pronunciava sobre a utilidade da Educação Comparada para o sistema Educacional e defende o contexto social, questiona sobre a compreensão da Educação Comparada, as coisas que estão fora da escola, são mais importantes que aquelas que se encontram

dentro dela e em algumas sociedades duvidou se caberia a implantação do modelo europeu educacional levando em consideração as condições de analfabetismo e variedades de raças.

Este período menciona a não preocupação com o que deve ser imitado ou transplantado, pretende-se é compreender o sistema educativo nacional e se possível melhorar.

Esta etapa foi uma explicativa e segundo A.D. Marquez (1972) tem-se uma Abordagem Interpretativo-Histórica caracterizada por Isaac L. Kandel, seguidor de Sadleriano, ele crê que a história dos povos permite descobrir as particularidades dos sistemas educativos, observando as áreas políticas, sociais e culturais. Têm-se também Nicholas Hans que se utiliza tanto da História como da Sociologia na interpretação dos dados, através dos fatores naturais (raça), fatores religiosos e fatores seculares.

Seguindo tem-se Abordagem Interpretativo-Antropológica onde Friedrich Schneider diz que a educação comparada só tinha verdadeiro sentido se analisassem os diversos fatores que configuravam um sistema educacional: o caráter nacional, o espaço geográfico, a cultura e a filosofia, a estrutura social e política, a economia, a religião, a história, as influências estrangeiras, e as influências decorrentes da evolução da pedagogia, se quando encontrar concordâncias na educação de distintos povos se pergunte se há coincidências nas respectivas culturas e ainda Arthur H. Moehlman que considera que há necessidade de um modelo teórico que permita examinar a educação na sua estrutura cultural, não só como um sistema vigente, mas também como uma unidade histórica.

E, por fim, uma Abordagem Interpretativo-Filosófica que ressalta Joseph A. Lauweris destaca que a Educação Comparada deveria atender a estilos nacionais de filosofia porque ainda que a filosofia tenha um alcance universal, os diversos povos apresentam uma inclinação por um determinado tipo de pensamento filosófico

No período da Comparação Complexa se caracterizou por uma grande quantidade de observações, com noções vagas que, denotam atraso na utilização da estatística e da análise sociológica. Algumas abordagens foram relevantes e mencionadas por FERREIRA (2008): Abordagem Positivista, Abordagem de Resolução de Problemas, Abordagem Crítica e Abordagem Sócio-Histórica.

Na abordagem positivista salienta A.M.Kazamias onde a Educação Comparada devia adotar deliberadamente uma base científica, o seu objetivo deveria ser o de descobrir as funções, que as escolas como estruturas sociais desempenham em cada

país, C. A. Anderson tem-se a investigação comparativa deve atender as duas dimensões: à situação educativa em si e à relação dos aspectos educativos com o seu contexto, Noah e Eckstein fala sobre a utilização de um modelo empírico-quantitativo em educação comparada, designado de científico, segundo FERREIRA (2008).

De acordo com o autor a Abordagem de Resolução de Problemas pode-se citar Brian Holmes (1965) onde suas intenções eram científicas e utilitárias, é identificar problemas pertinentes e submetê-los a estruturas racionais que pudessem levar à sua solução.

Na Abordagem Crítica, para FERREIRA (2008) tem-se Martin Carnoy(1974) que foi seguramente um dos pioneiros a apostar neste tipo de abordagem. Apoiando-se numa série de estudos de caso, procurou explicitar “as bases estruturais da desigualdade educacional”, através da análise da expansão diferenciada da educação escolar que atenderia internamente aos interesses da classe dominante e à escala mundial, aos do imperialismo. Nos anos setenta não se trata muitas vezes de investigações que impliquem uma comparação entre países; trata-se de comparar a experiência das mulheres, das minorias e dos diferentes estratos sociais nas suas relações com a educação.

Enuncia FERREIRA (2008) a Abordagem Sócio-Histórica onde menciona, a investigação comparativa deve partir para a compreensão, interpretando, indagando e construindo os fatos, e não restringir-se a descrevê-los. Podemos assim perceber uma mudança paradigmática que se caracteriza por uma maior atenção à história e à teoria, em detrimento da pura descrição e interpretação aos conteúdos da educação e não somente aos resultados, aos métodos qualitativos e etnográficos em vez do uso exclusivo da estatística (PEREIRA, 1993; NÓVOA, 1995).

Comenta FERREIRA (2008), para uma Abordagem Sócio-Dinâmica: Um Epílogo Possível:

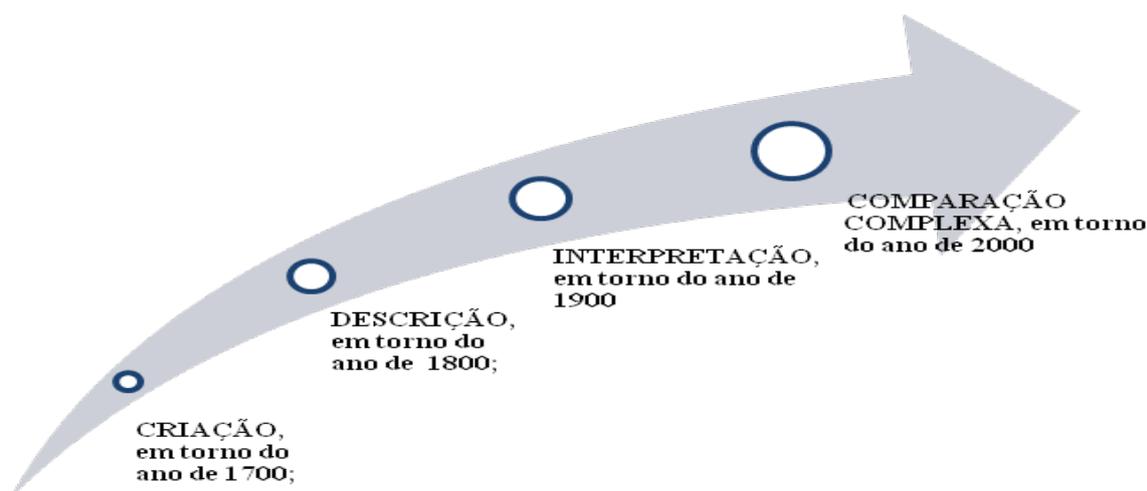
A Educação Comparada deve afirmar-se como um saber dinâmico, aberto metodologicamente, ciente de que a sua performance depende da atenção que prestar a outros domínios do conhecimento e da sua capacidade em acolher preocupações diversas, consciente que o seu objeto é marcado pelo percurso histórico e pelo contexto econômico-social em que se insere e, claro está, fortemente empenhado em contribuir para o melhor conhecimento da educação através da comparação de suas manifestações (Ferreira 2008)

A educação comparada tem uma amplitude de objetivos dentro da educação e pode percorrer os caminhos dos conhecimentos trabalhando as suas relevâncias.

Ressaltando aqui, os riscos que podem caracterizar a dependência cultural e as transferências educacionais que não se adéquem ao país que a utilize.

A discussão da questão da dependência é uma outra orientação de análise que nos ajuda a compreender a questão teórico-metodológica dos estudos comparados em educação. Há evidência empírica de que nossos países têm ingerências externas que comprometem a sua soberania. Mas, como os estudos a questão e a própria realidade histórica demonstraram, a situação de dependência revela-se como uma "unidade dialética", historicamente determinada entre classes e grupos sociais, nos países dependentes e nos países capitalistas centrais (Velloso 1985).

Observando toda a História da educação temos de acordo com FERREIRA (2008):



Para CORREA (2011), a idéia de educação comparada é comum entre os estudiosos, contribui para o avanço na compreensão dos sistemas educacionais, o alerta está na forma como estes pesquisadores irão trabalhar com estes dados.

Processos comparativos sobre educação e cultura foram registrados pelos viajantes de todos os tempos, por Xenofonte na Antiga Grécia e, como obra de educação comparada, com forte acento normativo, por Marc Antoine Julien em 1817. Nossa crítica fundamental ao comparativismo, tal como predominou nos estudos comparados nos países latino-americanos, seguindo o pai da sociologia e posteriores correntes sociológicas européias e americanas, reside no tratamento dos fenômenos educacionais como objetos isolados de seu contexto, homogeneizando-os, permitindo a comparação em termos quantitativos. O que não significa que estamos em desacordo com a pesquisa de base estatística que dá a dimensão dos problemas, até porque este é um aspecto importante nas questões educacionais. Mas não se pode reduzir um problema a um conjunto de variáveis que se cruzam independentemente das relações culturais e políticas que lhes dão o significado histórico. (Ciavatta, 2009)

Deve-se observar para quais interesses está servindo o exercício desta comparação. Pode-se entender os sentidos das políticas de cada país e entender os motivos de sucessos e catástrofes de uma mesma política em realidades distintas.

## EDUCAÇÃO COMPARADA NO BRASIL

Alguns autores brasileiros que comentaram sobre os estudos comparados, entre 1870 e 1896, Joaquim Teixeira Macedo, Manoel P. Frazão, Amélia Fernandes da Costa e Leopoldina Tavares Pôrto-Carrero, estes colheram no estrangeiro dados sobre os sistemas de ensino de diferentes países. No entanto, de grande parte dos dois grandes pareceres sobre o ensino foram redigidos pelo deputado Rui Barbosa na qualidade de relator da Comissão de Instrução Pública na Câmara dos Deputados, em 1882 e 1883.

Em 1913, o engenheiro N. Nivaldo Coaraci relata acerca do ensino técnico dos Estados Unidos. Em 1917, Basílio de Magalhães edita uma pequena exposição sobre os processos para a educação de retardados mentais vigentes em vários países da América Latina. Em 1926, Fernando de Azevedo, realizou em São Paulo um inquérito entre vários educadores leva-os a referir-se às tendências renovadoras do ensino no estrangeiro. Um dos participantes desse inquérito logo após publicação de uma obra sobre o movimento da escola nova, com referência ao que então se praticava em numerosos países (Lourenço Filho, 1963). Em 1928, de regresso de um curso nos Estados Unidos, Anísio Spínola Teixeira edita *Aspectos americanos de educação*, e Gustavo Lessa (1929), no ano seguinte, uma apreciação sobre a escola ativa no mesmo país. Isaías Alves (1934), de volta de estudos que também realizou nos Estados Unidos, dá igualmente a conhecer as suas observações.

Com Anísio Teixeira tem-se a criação do primeiro curso sistemático de Educação Comparada no Brasil, no Instituto de Educação, do Distrito Federal, em 1932, entregando-o a Gustavo Lessa (Educação..., 1934 e 1936). Em 1938, por Milton da Silva Rodrigues surge curso de Educação Comparada no Instituto de Educação de São Paulo, a quem se deve o primeiro ensaio de exposição geral sobre o assunto, onde são expostas as bases e os fins da educação na Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Estados Unidos, ao tempo. Por longos anos ministrou o ensino da especialidade, nessa Faculdade, Antônio de Carneiro Leão, já antes colaborador do *Anuário do International Institute of Teachers College*, da Columbia University, e autor de vários ensaios sobre a educação em diversos países estrangeiros (cf. Leão, 1925, 1936, 1938, 1939, 1940).

Seus trabalhos vêm sendo aí continuados por Nair Fortes Abu-Merhy e, também, por Mariana Cruz. Numerosos estudos têm sido divulgados nos últimos tempos no Brasil, entre eles destacando-se os publicados na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, órgão do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura, mantém uma seção de “Informações do Estrangeiro” e tem publicado estudos sobre sistemas de ensino em diversos países. Estas publicações têm refletido as mesmas grandes tendências em métodos dos estudos comparativos atuais, propondo problemas de grande interesse, como os das relações entre a educação e o desenvolvimento econômico e social, segundo LOURENÇO FILHO (2004).

## **PERSPECTIVAS DA EDUCAÇÃO COMPARADA**

O levantamento teórico e cultural da Educação Comparada deixa evidenciado que com os seus estudos podem-se verificar muitos limites e muitas possibilidades de execução deste trabalho, sendo que seu principal objetivo não só encontrar igualdades e diferenças, mas interpretar os processos educacionais.

Em seu desenvolvimento a educação comparada vem buscando encontrar o seu sentido, o seu objeto de estudo e os seus processos específicos de investigação. A sua aplicação prática é incontestável, à medida que, ao analisar comparativamente, por exemplo, sistemas educacionais, práticas pedagógicas, métodos de ensino, formas de financiamento, formação de professores, organizações escolares, em suma, a variada gama de possibilidade de pesquisa nos espaços escolares administrativos e pedagógicos, contribui para o entendimento destes elementos a partir da referência ao outro (Correa, 2011)

Neste sentido é fundamental a partir do método comparativo que haja a quebra de fronteiras e alargamento de visões e de diálogos, conhecendo novas práticas, analisando não apenas fatos, mas contextos, observando o sentido histórico destes e de outros problemas que envolvam a educação e a investigação qualitativa, preocupando com a visão e o entendimento de políticas e referências metodológicas utilizadas nas investigações, possuindo estudos mais críticos de um referencial interdisciplinar e uma relativização de posições.

Quando se reconstrói a história dos países e de seus povos, ou quando se desenvolve um processo de intercâmbio intercultural ou um projeto de cooperação internacional, a atitude de comparação está sempre presente,

mesmo que não seja algo consciente ou que não se revele de modo explícito. O próprio processo de conhecimento do outro e de si próprio, nesta troca entre realidades culturais diversas, implica um confronto que vai além do mero conhecimento do outro. Implica a comparação de si próprio com aquilo que se vê no outro. Neste processo comparativo, é fundamental conhecer e assumir as categorias que permitem fazer este confronto. Nem sempre são as categorias sobre as quais estamos raciocinando de modo explícito. Mas este é um processo que não acontece no vazio, e sim através de algum tipo de paradigma. Pode acontecer, entretanto, que não se tenha consciência do tipo de comparação que estamos realizando. (Franco, 2000)

Na Educação Comparada deve preocupar-se com a tendência de importação de modelos de gestão educacional, massificação de problemas, globalização e ênfase positivista e quantitativista, transferência educacional de experiências internacionais, invasão cultural aniquilando o outro, produção de políticas geradoras de dependência em nível mundial que enfatizam análises educacionais pautadas nos produtos da escola, limitações ao entendimento da língua, história e cultura, dificuldades de pensar o outro como ser igual, analisando sistemas educativos isolados do seu contexto, em muitos casos determinados hegemonia cultural internacional.

A tradição dos estudos comparados em educação na América Latina foi levada adiante por organizações internacionais, com uma perspectiva funcionalista e positivista, baseada nos estudos estatísticos, nos grandes surveys, voltados para uma descrição quantitativa do fenômeno, e não para uma análise das relações de poder e de cultura implícitas na realidade educativa. Os estudos que se cristalizaram nesta metodologia, e não tiveram um outro tipo de desenvolvimento, estão superados, quando não obsoletos, e não constituem fontes fundamentais de informação, porque suas análises não vão além de uma visão dos problemas fora de seu contexto, sem explicar as causas dos mesmos. ( Franco, 2000)

Há uma necessidade, que estas questões positivistas-funcionalistas, sejam reduzidas, pois produz ilusões sobre a realidade operante separando-a dos conteúdos sociais, políticos e econômicos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Reafirmar a Educação Comparada é sobretudo uma necessidade para estudos que tem como objetivo encontrar o sentido da educação nos países.

Contribuir para um saber que enfoca as relações internacionais na educação enfatizando uma abordagem sócio-histórico-cultural, esclarecendo as interdependências e identificando as condicionantes dos sistemas políticos e das práticas sociais inseridas em cada país.

Mostra-se claramente que a evolução histórica da Educação Comparada avulta o seu desenvolvimento, com o fim de, conduzir os estudos para entender, refletir e elucidar as dinâmicas e a complexidade dos sistemas educacionais.

O exercício da comparação é fundamental para o avanço da compressão dos sistemas educacionais mundial, os pesquisadores trabalharão com os dados levantados nas pesquisas realizadas Nacionalmente e Internacionalmente, de forma a considerar não apenas os resultados exclusivos da quantificação e dados estatísticos, observando de forma efetiva o método qualitativo, tornando a abordagem da comparação uma análise com sentido histórico dos fatos.

Concluindo, a Educação Comparada no meio acadêmico é um movimento em que os pesquisadores vêm se renovando, pois atualmente estabelecem um espírito mais crítico, observando as convergências e as divergências entre as relações dos Sistemas Educacionais Internacionais, para análises e reflexões dos contextos onde se inserem.

## **REFERÊNCIAS:**

ARRUDA, Wanderlino. **Educadores e Jequitibá**. O Jornal de Montes Claros; Crônicas 30/12/2008. Disponível em :<http://ojornaldemontesclaros.com.br/mural/cronistas.asp?cronista=Wanderlino%20Arruda>

CANÁRIO, Rui. **A escola e a abordagem comparada**. Novas realidades e novos olhares. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, n.1 set/dez 2006.

CIAVATTA, Maria e REIS, Ronaldo R. (Orgs) **A pesquisa histórica em Trabalho e Educação**. Brasília: Liber Livro, EDUA, UFAM, 2010. (Capítulo da CIAVATTA)

CIAVATTA, Maria, **Estudos Comparados: sua epistemologia e sua historicidade**, *Trabalho Educação Saúde, Rio de Janeiro*, v. 7, suplemento, p. 129-151, 2009

CORREA, João Jorge. **Educação Comparada: Um esboço para compreender as fronteiras e os limites da comparação.** *Revista Visão Global*, V.14, n.1, p.251-272, jul./dez.2011

FERREIRA, Antonio Gomes. **O sentido da Educação Comparada: Uma compreensão sobre a construção de uma identidade.** *Educação, Porto Alegre*, v. 31, n. 2, p. 124-138, maio/ago. 2008

FRANCO, Maria Ciavatta. **Quando nós somos o outro: questões teórico-metodológicas sobre os estudos comparados.** *Educação & Sociedade*, ano XXI, n.72, p.197-230

LOURENÇO FILHO, M. B. **Educação comparada.** São Paulo: Melhoramentos, 1961

VELLOSO, Jacques. **Dependência e educação comparada.** *Educação & Sociedade. Revista Quadrimestral de Ciências da Educação*, (22): 105-119, set./dez. 1985, p.106.